

No. 1266/1918

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 157

Col. 37

NA NORUEGA *37*

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

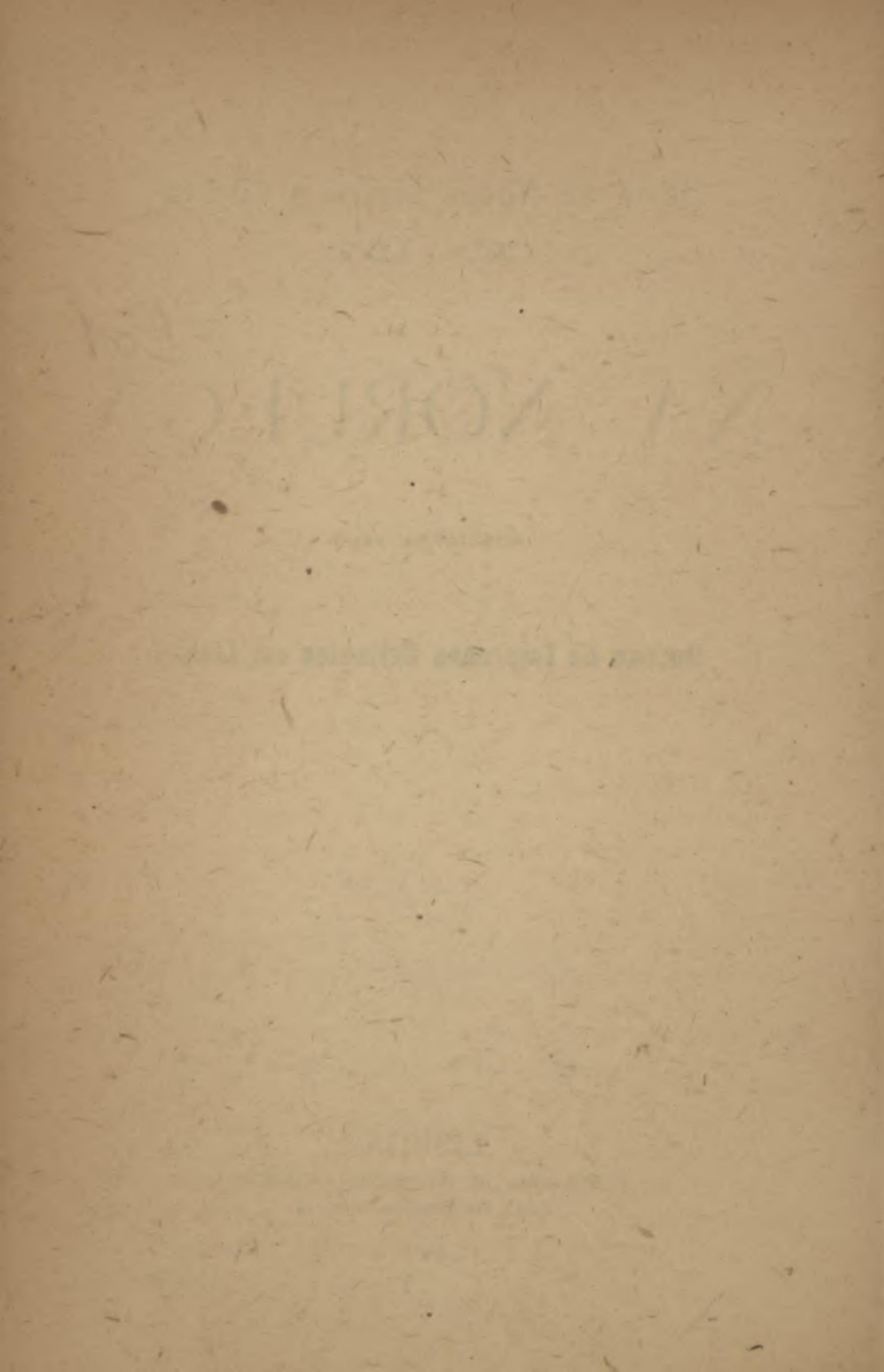


LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Na Noruega

Christiania — Junho de 1918.

Entrevistado pelo *Verdens Gang*, declarou o director da Companhia de Seguranças de Guerra «Norsh Varekrig» que o peor periodo de seguros da marinha mercante norueguesa contra os riscos de guerra foi durante os mezes de março e de abril do ano passado quando se elevaram as tarifas para vapores que atravessassem o Mar do Norte, em mais 20 0/0. Acrescentou que, em atenção ás novas ordens sobre presas de guerra publicadas pelo governo alemão, nada nos deve surpreender pois parece que os submarinos alemães devem ter em conta de inimigo todo e qualquer navio noruegues e afundá-lo sem aviso. O *Dagbladet* faz ver que a Noruega não pode reter nos portos os seus navios mercantes por causa duma tal ameaça, pois isso seria um desastre para o paiz. A Repartição de Agricultura e de Subsistencias congratula-se com o governo noruegues com respeito ao tratado firmado com os Estados Unidos, porém recorda que ainda existem perigos. A nossa situação é tal que teremos de nos valer a nós mesmos

pelo trabalho e pelos proprios recursos e por uma economia rigorosa.

Serve de exemplo frisante da propaganda germanofila a afirmação que a Gran Bretanha interessa-se profunda e misteriosamente na declarada intenção da Islandia de renunciar á suzerania da Dinamarca e que essa impressão não ficou abalada pelo desmentido feito pela Agencia Reuter.

Os nossos criticos militares vêem com pessimismo crescente as probabilidades de exito alemão no Ocidente. Parece estarem convencidos que se não realizará a profecia presunçosa da Alemanha de 21 de março; que a perda de terreno e de dois ou tres mil homens sofrida por Foch não tem consequencias de monta, pois as suas reservas estão, se pode dizer, intactas; que desembarcam em França diariamente tropa americana aos milhares. A excitação publica tambem se calou por efeito dum aviso importante dado pelo *Times* de Londres com respeito á área minada no Mar do Norte. Diz esse jornal que, a encontrarem-se minas em qualquer parte fóra da zona indicada pelo almirantado britânico — por exemplo, no Kategat ou nas aguas entre o Skagen e as costas da Noruega e da Suecia — é porque ali foram colocadas pela Alemanha. A criação desta vasta área de minas duplica o valor do bloqueio britânico a que as Potencias Centrais no seu desespero e rancor qualificam de ameaça feita aos paizes scandinavos. «Notar-se-ha que as tres áreas indicadas, que diferem entre si em contornos e extensão, são de molde



a vedar a saída meridional do Mar do Norte, e a passagem entre a Escocia e a Noruega; a terceira torna difficil e perigosa qualquer tentativa de saída do estreito de Heligoland.» E' util considerar-se este aviso ao mesmo tempo que uma carta concebida em linguagem grosseira que o comandante dum submarino alemão entregou ao capitão dum navio mercante torpedeado para ser remetida ao primeiro ministro britânico e que traz a assignatura: *Um barbaro e assassino de creanças!*

Um telegrama ultimamente publicado fala na «actividade revoltante» dos submarinos alemães no Mar Arctico onde atacam barcos noruegueses e russos que andam á pesca de focas e baleias. Esta actividade vem bem demonstrada no borbardeamento atroz duma escuna norueguesa presa ás suas amarras e no afundamento instantaneo de outra com todos a bordo. Chegaram tambem mais pormenores ácerca do afundamento do paquete russo *Theodosi Tchernegovski* com a perda de muitas vidas. Quando o capitão do vapor reflectiu ingenuamente que lhe parecia que a Russia e a Alemanha viviam agora em paz, a resposta foi: «Oh! a paz não se pode tomar muito ao pé da letra. As nossas ordens são de afundar tudo quanto esteja á superficie do mar.» Tais palavras explicam claramente o sentido dos novos regulamentos maritimos e ordens sobre presas do governo alemão.

O nosso grande escritor Ibsen deu ao mundo o seguinte aforismo: «Os sustentaculos da sociedade são a Verdade e a Liberdade.»

